

**CRÍTICA GENÉTICA E CRÍTICA HERMENÊUTICA:
O DITO E NÃO DITO NUMA RELAÇÃO DIALÓGICA**

Eleonora Campos Teixeira e Nascimento (UENF)

norinhatli@yahoo.com.br

Ingrid Ribeiro da Gama Rangel (UENF)

ingridribeiro@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UFRJ)

chmsouza@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como base a análise e compreensão dos estudos de crítica genética e crítica hermenêutica como aliadas à percepção e avaliação de textos na sala de aula. O objetivo deste estudo é mostrar que tais correntes críticas muito contribuem no sentido de ampliar o olhar dos alunos ao fazer a apreciação minuciosa de um texto. Evidencia-se que tais correntes críticas acabam por se fundir, quando o geneticista se vê analisando de forma específica as rasuras, supressões e emendas do autor, enquanto hermenêuta, assumindo sua subjetividade a construir hipóteses para suas trajetórias.

Palavras-chave: Crítica genética. Hermenêutica. Rasuras. Subjetividade.

1. Rasuras e subjetividade

Molgável, moldável, digerente assim – e não me refiro em espécie só à língua literária – ela mesma se ultrapassa; como a arte deve ser, como é o espírito humano: faz e refaz suas formas. Sem cessar, dia a dia, cedendo à constante pressão da vida e da cultura, vai-se desenrolando, se distorce, se enforja e forja, maleia-se, faz mó do monótono, vira dinâmica, vira agente, foge à esclerose torpe dos lugares comuns, escapa à viscosidade, à sonolência, à indigência; não se estatela. Seus escritores não deixam. (GUIMARÃES ROSA)

Em seu surgimento, a crítica genética tinha como proposta o acompanhamento do processo criador de um texto, todas as especificidades, os registros que definiriam o pensamento em processo. Inicialmente restrita apenas aos estudos dos manuscritos como processo de criação, esta corrente crítica adquiriu uma amplitude em seu universo, o que efetivamente fez mudar o olhar crítico do pesquisador.

Um dos fatores mais relevantes no trabalho do geneticista é a percepção, quando o pesquisador percebe a rasura como uma alternativa, um

acréscimo, uma supressão, um deslocamento frequente ao escritor que busca organizar palavras, parágrafos, ideias. É como se ele passeasse pela mente do escritor na tentativa de descobrir o que ele está dizendo a si mesmo no momento da criação. Seu principal papel é assumir a sua própria subjetividade e construir hipóteses para a trajetória da obra e do próprio autor. (WILLEMART, 2005)

Cada crítico possui a faculdade de analisar a obra do autor, fazendo uma apreciação minuciosa. A função primordial do crítico não é julgar: é analisar, o julgamento está implícito. Por considerar viável a sua análise e a sua interpretação, a crítica implica atitude de persuasão. Este é seu objetivo mais ambicioso.

Torna-se muito comum, no processo de análise e acompanhamento crítico de um texto, haver uma extensão da amplitude desse olhar que acaba por se fundir com outras correntes críticas. É na tentativa de racionalizar o pensamento que o pesquisador se envolve com uma corrente crítica adicional: a hermenêutica.

O crítico literário, na tentativa de conhecer detalhes que o farão desvendar o pensamento do autor, se vê muitas vezes fazendo análises hermenêuticas que levam o leitor a formar um entendimento que vai além das constatações próprias da crítica genética.

2. *A preservação das “feituas”*

A dificuldade em encontrar escritores que guardassem seus manuscritos para estudos posteriores levou a se tornar cada vez mais raros os estudos de crítica genética no Brasil. E hoje, com as novas tecnologias, tornou-se comum, ao invés de preservar o arquivo, substituí-lo. Na poesia, pude encontrar um escritor pós-moderno, Pedro Lyra,¹² que possui várias pastas de seus manuscritos que possibilitaram a realização de muitos estudos críticos.

Mesmo hoje, ao ter se rendido às tecnologias avançadas, encontrou uma forma de preservar suas emendas, quando se utiliza de um grifo *strikethrough* sobre os vocábulos retocados, além de comentários manuscritos. Dessa forma, é possível sentir a personalidade, a presença do autor

¹² Professor titular de Poética na UENF, com estágio de pós-doutoramento em Tradução Poética na Sorbonne, em 2005.

e assim desenvolver a crítica genética do texto. Acredito que não haja poeta brasileiro contemporâneo com maior número de textos analisados por esta corrente crítica.

Todo material que antes era visto à margem, como sobra, apresenta agora uma nova condição mediante os estudos da crítica genética. O “gene”, o processo, as emendas são vistas agora como preciosidades que compõem a “feitura” de um texto.

A crítica genética, no sentido restrito da palavra, é profundamente marginal por três razões: a primeira, sociológica, leva-nos a constatar que, até o presente, houve dificuldade para a crítica genética de se impor como disciplina ou como campo de estudo em crítica literária; a segunda razão, que se refere ao seu objeto, explica sem dúvida a primeira: a crítica genética se debruça sobre os rascunhos, os manuscritos, restos em suma, frequentemente pouco acessíveis e desprezados pela crítica tradicional, o que é preciso salientar; e enfim, a última razão, que nos permite brincar com as palavras e localizar melhor ainda seu objeto, pois, literalmente, a crítica genética trabalha sobre e leva em conta as margens e não necessariamente o conteúdo central do fólio. (WILLEMART, 2005)

A constatação da mudança, a observação aos detalhes deveria ser a principal preocupação de um pesquisador genético, porém a ideia da mentalidade no contexto se torna comum por levar a outra corrente crítica: a hermenêutica. A fusão acontece quando o pesquisador começa a perceber que apenas a constatação da rasura não seria o suficiente e dessa forma se dá a ocorrência comum aos analistas: a tentativa de compreensão e análise das ocorrências.

E sem que se perceba lá está o pesquisador enveredando por um novo caminho: o da interpretação. São os elementos um a um que permitem acumular os sentidos, reunir retoques, abandonos, levando à compreensão semântica.

Ao definirmos hermenêutica, é inevitável que nos reportemos a Schleiermacher¹³, um dos maiores nomes desta corrente crítica, que afirmava que a interpretação deveria contemplar o olhar do autor. No caso desta ciência, ela viria a ser a leitura do olhar subjetivo, feita pelo leitor, levando em conta que crítica genética e hermenêutica estão intimamente ligadas. Tal interpretação, de caráter subjetivo, seria a arte da compreensão do texto escrito, ela viria a transcender a competência da crítica genética e, nesse momento, iria além das constatações das mudanças ocorridas com o texto ao longo do processo de escritura, mas possui-

¹³ Friedrich Ernst Daniel Schleiermacher – filósofo e teólogo alemão.

ria um caráter de compreensão do texto escrito. Viria acoplar a ideia do pensamento à expressão usando de sua técnica para chegar ao entendimento do texto.

A legitimidade do escrito caminha assim para a singularidade do texto, prezando pelo conhecimento dos sujeitos envolvidos no ato de conhecer. Nesse momento, haveria um subjetivismo dialógico à medida que estabeleceria um intercâmbio entre texto e leitor. Seu objetivo seria o de destacar o sentido original do texto, onde não haveria supremacia, mas uma complementação do processo.

3. *Hermenêutica: subjetivismo dialógico*

Platão via a hermenêutica como a teoria da recepção. Os praticantes transmitiam apenas o que escutavam, não havendo um acréscimo de conhecimento e, dessa forma, era menosprezada. “[...] *no surge como uma teoría de la recepción, sino justo como una práctica de la transmisión y de la mediación. Así es como Platón entiende la hermenéutica; un Platón que, precisamente por eso, la menosprecia [...]*”. (FERRARIS, 2000)

Esse conceito, porém, foi sofrendo mudanças significativas ao longo do tempo e ao hermeneuta foi oportunizada a honra de interpretar e resgatar o sentido original do texto e, unido a tudo isso, a aquisição do conhecimento. Assim os vários papéis assumidos na abordagem hermenêutica de um texto, numa espécie de “política literária” cedem lugar à democracia, já que envolvem: leitor/autor/intérprete.

É importante considerar que a hermenêutica possui um árduo trabalho de lidar com a defesa de um ponto de vista e, em algum momento, o geneticista acaba fazendo um pouco disso em sua análise, quando comenta a rasura encontrada e o objetivo dela.

Tem-se a percepção de que as análises vão além da renovação linguística, transpõem o sentido literal, assemelha-se à recriação de sentidos, que resulta num novo texto, mais profundo e próximo do leitor.

Após realizar análises de crítica genética de vários textos do brilhante poeta pós-moderno Pedro Lyra, deparei-me com as várias intervenções de hermenêutica em meu texto.

Inúmeras vezes vi-me fundindo a crítica genética e a hermenêutica e só então percebi o quanto essas duas ciências caminham juntas. Des-

sa forma, é possível observar trechos do seu soneto *Ainda em Plenitude*, escrito direto no computador e que, por isso, de manuscrito só tem as emendas e rasuras, as quais tive a oportunidade de analisar de forma crítica, num texto ainda inédito. Aqui temos dois exemplos de comentários feitos que transpuseram os limites da crítica genética e invadiram o campo da hermenêutica:

1º)

desfrutar o que pode ~~se se contenta~~ *resignat*

O poeta em R-2 [segunda redação] assinala, de forma manuscrita, a quebra que se torna sua marca poética. O verso continua introduzido pelo travessão. Nesse momento ele realiza uma emenda particularmente especial para este verso: a alteração de *contenta* para *resigna*, que possui uma força expressiva muito maior. O contentamento estaria mais intimamente ligado à lógica, enquanto a resignação estaria ligada ao sentimento. Resignar-se viria como a acomodação, aceitação do ser diante do desconhecido e movido a todas as orientações filosóficas questionadas. Nesse instante promove a ideia de que o homem estaria, em sua aceitação, em conformidade com o seu destino.

2º)

ab semper
...) um ~~sem começo~~ *ad infinitum*
o outro ~~sem final~~ (...)

Em R-3 [terceira redação] o verso já parece decomposto, mas a conjunção aditiva *e* é substituída pela vírgula. O poeta rasura novamente de forma manuscrita, agora usando expressões latinas no lugar das vernáculos, vinculadas a simbólicos parênteses singulares, um *sem abertura* e o outro *sem fechamento*, com reticências, o que imprime ainda maior riqueza aos versos, como aparece em D-1 [primeira digitação] na sua forma definitiva.

O sintagma “sem começo” é substituído por *ab semper*, que tem como significado “de sempre”, e o “sem final”, por *ad infinitum*, que tem por significado “ao infinito”.

Os parênteses representam espaços vazios: o de *ab semper*” indicando a pré-existência, não tem começo e termina no nascimento, com o parêntese fechado; o de *ad infinitum* indicando a pós-existência, não tem fim e começa na morte, com o parêntese aberto.

Neste caso, os parênteses estão a significar que não se sabe a origem nem o destino, não se conhece a pré e nem a pós-existência. Dessa forma se mostrará em P-2. [Segunda publicação]

O geneticista vai além da depuração e chega à compreensão subjetiva embutida em seu olhar. Sua percepção diante do texto seria a recriação de sentidos. Isso iria além de adequar linguisticamente um texto, mas uma forma de recriá-lo, resultando num novo texto.

Em muitos momentos a crítica genética se confunde com outras correntes críticas. Num desses momentos já foi confundida com a ecdótica,¹⁴ que cuida da comparação, verificação e autenticidade das versões linguísticas de um texto. Desta forma, esta ciência identifica as falhas e deturpações das traduções textuais.

Dentre todas as ciências críticas, a genética é a única que acompanha efetivamente as mudanças, as nuances, depurações pelas quais um texto passa até que seja considerado pronto. Dotada de um perfil investigatório, busca mostrar toda a personalidade de um texto, principalmente quando parte do seu principal objeto de estudo: o manuscrito.

4. *Crítica genética e hermenêutica na sala de aula: Rasuras que ampliam ideias*

Nunca antes um equívoco na escrita, registro da ideia, foi tão valioso quanto após o conhecimento do estudo crítico genético. Antes a rasura era desprezada; hoje valorizada, é ela que dá sentido ao processo construtivo do texto, à medida que explicita o percurso.

Ao analisarmos a relação da rasura com a escrita do aluno em sala de aula, incidiremos sobre suas redações. Ao redigir, o aluno deixa rastros que compõem o processo de produção de seus textos. Na verdade, esse processo se inicia de forma oral, a ideia surge e então se manifesta na palavra que virá a ser registrada. É prática comum os professores dialogarem, discutirem uma ideia apresentando textos motivadores que levarão o aluno a desenvolver o pensamento.

Alguns sistemas de avaliação, no que diz respeito a dissertações, como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), já vêm quase que inconscientemente promover no jovem o papel de preservação do registro, porém isso é feito com outra intenção, mas que acaba por preservar as glosas da escritura. Hoje o aluno que constrói uma redação no ENEM não pode apagar o suposto erro cometido, mas com apenas um grifo marca a palavra que descartaria e segue em frente com sua escrita. Registros que antes seriam apagados em definitivo, hoje ali permanecem como marcas de percurso.

¹⁴ Ciência que aproxima o texto de sua forma original.

Da mesma forma que nas ações, na escrita ocorre uma certa imprevisibilidade que acontece toda vez que deixamos correrem livres as ideias. Essa imprevisibilidade é comum no escritor que não enxerga limites, que promove o fenômeno da escrita e acaba por torna-la singular. (SALLES, 2008)

Toda vez que escreve e erra, que substitui a palavra, o aluno é impelido a buscar, a desenvolver essa ideia através de textos que endossem, ou que sejam opostos ao pensamento inicial. Essa busca acaba, mesmo que de forma inconsciente, promovendo a produção de novas ideias e ampliando seu universo. Quando o aluno usa o grifo ao invés de apagar seu aparente erro, ele pode comparar seu crescimento, sua evolução linguística e acompanhar seu percurso. Nesse interstício, depois de pronto, ele compara, aprimora até que defina o que permanece e o que será alterado e que compõem as marcas de percurso de seu texto.

Mas em que efetivamente a rasura ajudaria o aluno que está determinado a escrever seu texto na sala de aula? Ao se deparar com determinada palavra, haverá nele um sentimento de estranheza, algo lhe remeterá a ideia de que aquele termo não compõe aquela estrutura, que poderá ter havido um equívoco na construção sintática que o convoca a uma nova possibilidade.

É quando percebe que o que foi dito por ele poderia ser dito de outra forma. É a estranheza que faz com que haja uma retomada do que foi dito, escrito e registrado:

Em hermenêutica a coisa mais importante não é aceitar o texto como sendo um parceiro taciturno e silencioso, mas sim como uma voz ativa numa conversa constate; uma boa prática hermenêutica é ouvir o texto e se subordinar a ele. (LAWN, 2007)

5. Considerações finais

Nesse ínterim, analisamos a importância da prática hermenêutica na sala de aula, que viria com o importante papel de auxiliar na compreensão e na busca de um leitor proficiente. Esse encontro com o texto estabelece uma relação de entrelinhas, do não dito, uma relação de passado e presente na criação textual e, nesse momento, se funde outra vez com a crítica genética, quando busca depurar os vários momentos do texto, destacando o papel do sujeito por trás do ato de conhecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marco Antônio de. A cada leitor seu texto: dos livros às redes. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, UFSC. Edição especial, p. 154-173, jan./jun.2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p154/19862>>.

BIASI, Pierre Marc. A crítica genética In: BERGEZ, Daniel. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CIRILLO, José. Pela Fresta: memória como matéria no processo de criação de Shirley Paes Leme. *Farol*, Vitória: UFES, ano 3, n. 3, p. 61-73, 2002.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FERRARIS, Maurizio. *Historia de la hermenéutica*. Trad.: Jorge Pérez de Tudela. Milán: Ediciones Akal, 2000.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em retrospectiva*. Trad.: Marcos Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2009.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética*. Trad.: Cristina de Campos Velho Birk. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

GOZZO, Vera Maria Patriani Marinho. *Pistas e conquistas: na travessia prática do processo de escritura*. 1995. Dissertação (de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LAWN, Chris. *Compreender Gadamer*. Trad.: Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez, 2000.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo criação artística*. São Paulo: PUC-SP, 2008.

_____. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. *Crítica genética: uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ, 2000.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Trad.: Celso Reni Braidá. 5. ed. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2006.

SOLÉ, Isabel. *Estrategias de lectura*. Barcelona: Graó, 2008.

TEIXEIRA, Eleonora C. Crítica genética: do manuscrito ao virtual. *Revista Litteris*, n. 10, set.2012.

WILLEMART, Philippe. *Crítica genética e psicanálise*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: CAPES, 2005.

_____. A crítica genética hoje. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro: UFRJ, vol. 10, n. 1, p. 130-139, enero-junio, 2008.